

Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva

Bom dia a todos.

Começo por saudar todos os colaboradores do Camões, I.P. e a sua direção e agradecer-lhes o trabalho realizado em 2019 e o bom espírito com que encaram os desafios e as obrigações de 2020.

Saúdo também as Senhoras Secretárias de Estado dos Assuntos Europeus, dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação e das Comunidades Portuguesas. Saúdo o Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, que aqui a representa, e agradeço à Fundação não só o acolhimento e hospitalidade, mas a colaboração de todos os dias nestas áreas cruciais da Cooperação, da Cultura e da Língua.

Agradeço a presença das Senhoras e Senhores Embaixadores de países amigos e irmãos que nos honram e enriquecem com a sua presença. Agradeço a presença das individualidades que nos vão distinguir com as suas intervenções ao longo deste Seminário. Agradeço, também, a presença do Senhor Secretário Executivo da CPLP e saúdo as senhoras e senhores, embaixadores, demais diplomatas, funcionários, colaboradores aqui presentes.

Imaginava que o Senhor Presidente do Camões I.P. iria fazer uma síntese suficientemente sistemática e breve sobre a atividade do Camões I.P. em 2019 e, também, sobre as perspectivas do Camões I.P. para 2020. Portanto, presumi – e bem – que me caberia, mais uma vez, a tarefa de encontrar um sentido geral para isto tudo. É uma tarefa que hoje é bastante simplificada por duas contribuições que queria assinalar e que me permitia, desde já, usar em meu proveito.

A primeira: quando discutimos, eu próprio e todos os Secretários de Estado do MNE, o que haveria de ser o Seminário Diplomático e a minha intervenção, em nome de todos nós, a Senhora Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação sugeriu que mais cedo ou mais tarde – mais cedo do que tarde – nós haveríamos de tentar integrar a cooperação para o desenvolvimento numa área e numa linha de política externa e de atuação diplomática na qual Portugal tem ativos consolidados e na qual Portugal se distingue internacionalmente pela consistência e equilíbrio; e essa linha bem poderia ser designada como diplomacia pela paz.

É uma linha na qual nós podemos integrar não só toda a nossa cooperação para o desenvolvimento como a diplomacia pelos direitos humanos, isto é, a nossa intervenção internacional nesse domínio absolutamente crucial e também a forma não-confrontacional como a fazemos; e também a contribuição das nossas forças nacionais que, destacadas em diferentes teatros

de operações e sob diferentes arquiteturas institucionais – das Nações Unidas, da União Europeia ou da NATO – participam em missões de paz.

Esta é uma ideia que me parece muito interessante e um bom ponto de partida para pensarmos nos desafios que se colocam em 2020 na área da Cooperação, da Língua e da Cultura: considerar que quem faz cooperação não faz a guerra, pelo contrário, quem faz cooperação contribui para a paz. Dizer hoje isto tem um significado particular, porque todas as linhas e instrumentos de política externa dos países membros da União Europeia e da União Europeia como tal estão hoje mobilizados para ver se evitamos uma guerra e para ver se gravíssimos problemas de estabilidade e de segurança que existem na nossa vizinhança próxima e que nos atingem directamente – estou a falar do Médio Oriente – se podem resolver como devem: por meios políticos, por meios diplomáticos e não por meios militares. Esta é uma ideia que creio que pode inspirar esta reflexão mais geral sobre o sentido do que fazemos quando intervimos em matéria de cooperação para o desenvolvimento. É a primeira ideia que me permito manipular em meu proveito, neste caso.

A segunda ideia, o segundo contributo, que achei que podia utilizar em meu proveito, recorrendo a uma companhia que felizmente tenho há vários anos, é o conjunto das reflexões que o poeta e o teólogo português José Tolentino de Mendonça tem feito sobre a temática da paz, a temática da cooperação e o bom uso da literatura como instrumento cognitivo.

Elaborando a partir de outro muito importante teólogo, Elmar Salmann, José Tolentino de Mendonça chama-nos a atenção para o que chama a “ferramenta sapiencial” que a literatura também é. A literatura consegue oferecer-nos metáforas da vida muito poderosas; a literatura consegue propor-nos um conhecimento concreto das coisas, eu diria um conhecimento experienciado das coisas, que é muito útil; e a literatura é, cito também, um poderosíssimo instrumento de precisão, quer analítica, quer descritiva, quer enquanto interpelação do mundo.

Percebendo bem porque é que o teólogo usa o poeta, não queria também desvalorizar o teólogo, porque o teólogo diz três coisas que são muito importantes, creio, para o nosso trabalho. Primeiro, diz-nos que o Evangelho mostra que o que importa é, não amontoar, mas sim multiplicar. Dou de barato, dadas as minhas funções e a natureza do Estado, que não é só o Evangelho que diz isso; outros textos fundadores da nossa civilização dizem o mesmo.

Depois, diz-nos que é muito importante perceber que o nosso motor é o desejo ou a sede: são as duas expressões que utiliza quase equivalentemente. A sede é um estado que deve ser elogiado, porque não é apenas um estado de necessidade, ou sendo uma necessidade é a necessidade de chegar a alguma coisa; essa coisa é o sentido a que nós nunca chegamos plenamente e por isso é que temos sempre sede, temos sempre desejo, e o desejo é sempre insaciável e a sede alimenta sempre mais sede, porque queremos chegar a um sentido.

O terceiro elemento que o teólogo usa e que é também muito útil para nós, é a ideia correlativa com as anteriores de que, se o que importa é multiplicar, e nós estamos sempre com sede, com sede da multiplicação, então o nosso trabalho faz-se caminhando, peregrinando – usando uma expressão que tem uma cor religiosa própria, mas quem não quiser usá-la, basta dizer andando ou caminhando, e até pode citar outros poetas a este propósito.

Não é difícil, creio eu, perceber o sentido do que se faz na cooperação para o desenvolvimento a partir destas ideias. Podemos, aliás, fazer outra coisa e convocar ainda o nosso próprio patrono, porque Camões diz, julgo que n' *Os Lusíadas*, mais ou menos isto: “Quem não quer comércio busca a guerra”. É uma grande verdade: quem faz a guerra não quer o comércio e quem faz o comércio não quer a guerra, porque o comércio é troca, é comunicação, é vantagem recíproca.

Nós podemos também dizer que quem faz a cooperação não só não quer a guerra como quer o contrário da guerra, que é a paz. Isto é muito importante, porque quando nós olhamos para os direitos humanos, quando nós olhamos para o desenvolvimento, olhamos para as duas outras faces de um polígono que tem três faces e que se chama Nações Unidas, cujas três faces são a paz e segurança internacional, o desenvolvimento e os direitos humanos. Aliás, a face “direitos humanos” é a que melhor articula as outras duas. Não há nada mais poderoso para fundamentar a paz e promover a segurança do que promover os direitos humanos de todos. E o desenvolvimento é, precisamente, o caminho, o processo, que leva à realização plena dos direitos humanos.

A cooperação para o desenvolvimento pode ser lida a esta luz, porque a lógica da cooperação para o desenvolvimento, como o nome indica, é que é cooperação, colaboração, diálogo, partilha, multiplicação, e é para o desenvolvimento, i.e., para as finalidades que cabe às pessoas definir, que cabe aos países definir e não a nós impor-lhes. Por isso é que não gostamos de expressões como “assistência”, não gostamos de expressões como “ajuda”, e gostamos mais de expressões como “parceria”, para que haja justamente essa multiplicação, para que as coisas não se amontoem apenas – porque quando elas se amontoam, elas amontoam-se apenas nalguns países –, mas para que se multipliquem envolvendo diferentes países, diferentes agentes, diferentes regiões, assim produzindo mais do que a simples soma.

Tudo isto se faz em processo. Por isso é que é cooperação para o desenvolvimento, e lá está a tal ideia do caminho, da peregrinação, do caminho que se faz em conjunto, para que os objetivos sejam alcançáveis, sempre sabendo que eles nunca são plenamente alcançáveis, e portanto, como bem diz a Agenda 2030 dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, o desenvolvimento não é um problema de uns, é um problema de todos; e em relação a todos os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, todos nós, as nações mais ricas, as nações mais remediadas e as nações mais pobres, temos caminho a percorrer, temos coisas a fazer.

Se é fácil com a ajuda destes dois contributos resolver bem a questão do sentido da cooperação, talvez seja um pouco menos fácil resolver a questão do sentido da intervenção nas áreas da língua e da cultura. Mas eu tenho um truque, uma “ferramenta sapiencial” para resolver essa menor facilidade, e é passar justamente do teólogo José Tolentino de Mendonça ao poeta José Tolentino de Mendonça. Se me permitirem, lerei, para fazer esta passagem, um poema de *Teoria da Fronteira*. É um pequeno poema de uns 15 versos e portanto pode ser lido na íntegra como deve ser.

Chama-se “*Boca della verità*”:

*Existem palavras por nós ignoradas
vivem ao lado das que mais usamos
e nunca sabemos quando
uma delas em fuga
com a calibração precisa
surgirá para transtornar a neutralidade*

*a língua arrasta a noite ancestral
um vento de neve
cheio de folhas mortas
a idade que possuímos em segredo
sem que nenhuma documentação civil
a detecte*

*as línguas são portas
que se abrem rangendo
para coisas que não existem*

Então, usemos esta ideia: “as línguas são portas que se abrem rangendo para coisas que não existem”. Para coisas que não existem, dada essa possibilidade de usarmos o poder cognitivo da criação literária, a literatura como ferramenta sapiencial, para coisas que não existem, mas que precisam do nosso desejo, precisam da nossa sede, e precisam que nós caminhemos não só com elas, como também sobre elas, elas sendo o nosso próprio caminho, porque a língua serve para

dizer, e cito novamente o poeta, desta vez em *Baldios*: “também eu me recuso a dizer apenas o que pode ser dito”.

As línguas servem para dizer tudo o que é preciso dizer, e servem exatamente, também, para conhecer. Servem para conhecer, rangendo – não é fácil fazê-lo –, são portas que rangem, mas são portas que rangem para coisas que não existem ou para coisas que, existindo, nós devemos cultivar como se ainda não existissem: as aulas de português que devemos assegurar às comunidades portuguesas vivendo no estrangeiro, as cátedras com que devemos apoiar os estudos e a investigação sobre temas portugueses e literaturas de língua portuguesa em diferentes países do mundo, as escolas secundárias de vários países em vários continentes que ensinam o português como língua estrangeira e devem ser apoiadas por isso, as manifestações culturais, os festivais de cinema, as festas e feiras do livro, tudo isso que nós fazemos e que devemos sempre fazer como se elas não estivessem adquiridas, como se, sendo portas ou janelas abertas (metáfora que estamos sempre a usar), fossem portas que rangem. Portanto, é preciso sempre alguma força para abri-las, algum trabalho, algum esforço.

Bom, isto é a teoria. E a todos aqueles que dizem “Pois, você só fica pela teoria”, devo, em primeiro lugar, citar o Kurt Lewin – “Não há nada mais prático do que uma boa teoria” –, e depois fazer a transição para a realidade concreta mais imediata.

Tenho o gosto de dizer hoje que nós recebemos muitos e bons projetos de cooperação para o desenvolvimento em Moçambique, candidatos ao Fundo de Apoio à Reconstrução e Desenvolvimento de Moçambique que criámos na sequência dos ciclones que tiveram uma dimensão catastrófica e assolaram sobretudo o centro de Moçambique e a região da Beira. Tenho também o gosto de dizer que, dada a qualidade desses projetos, tivemos que reforçar o Fundo e, portanto, os cinco projetos que foram aprovados mobilizarão 1 milhão e 950 mil euros de fundos públicos e de fundos que beneficiam também da contribuição de câmaras municipais, fundações, associações empresariais e empresas, que se associaram para criar esse fundo. Os projetos dirigem-se a três grandes áreas de atuação, a educação, a saúde e a segurança alimentar, e serão liderados pelas seguintes Organizações Não-Governamentais para o Desenvolvimento (digo por ordem alfabética): APOIAR, FEC, Health4Moz, HELP e Oikos.

Queria agradecer a estas ONGD a riqueza das propostas que apresentaram e também o facto de terem cumprido os termos de referência do fundo; E dizer que nós ficaremos muito melhor sabendo que as comunidades rurais do Dondo beneficiarão de uma intervenção para melhorar os seus níveis de nutrição, higiene e saneamento público; que podemos apoiar a reabilitação de instalações e espaços educativos na Sofala e na cidade da Beira; Que o projeto de reconstrução e reforço das capacidades no Hospital da Beira pode prosseguir; Que a região do Dombe contará com o empenhamento de um projeto para a reconstrução das suas estruturas de

saúde; E, finalmente, que Sofala e Cabo Delgado terão um projeto próprio para a recuperação do seu setor agrícola.

É muito importante que estas atividades possam beneficiar de um fundo que foi constituído na sequência dos ciclones em julho do ano do passado, mercê do esforço quer do Estado quer de autarquias locais, quer do terceiro setor, quer das empresas privadas. Mas tudo isto é um pequeno passo que se dá no caminho que permite multiplicar as coisas. Tudo isto resulta do facto de nós todos sentirmos sede e tudo isto nos permite dar o nosso pequeno contributo para uma coisa tão simples, que se chama paz.

Muito obrigado e bom ano.